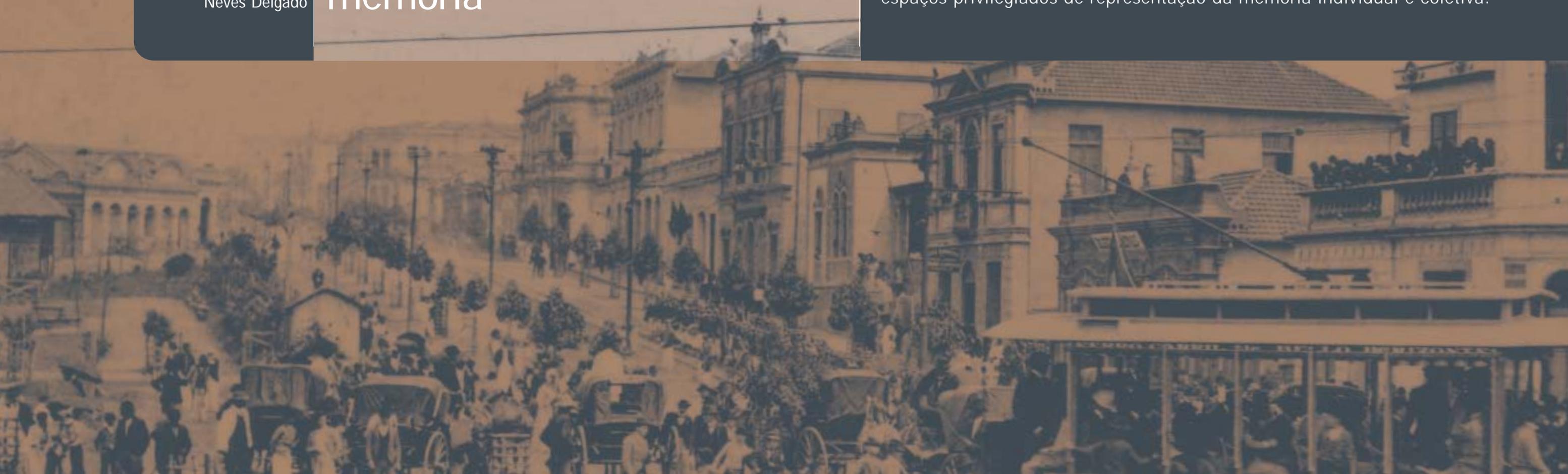


Lucilia de Almeida
Neves Delgado

Caleidoscópios da memória

Na literatura de Pedro Nava e Jorge Luis Borges, escritores que cultivaram cada qual à sua maneira o texto memorialístico, as cidades constituem espaços privilegiados de representação da memória individual e coletiva.



“A recordar que o tempo é a diversa
Trama de sonhos ávidos que somos
E que o secreto Sonhador dispersa”
(Borges)

“Há assim uma memória involuntária que é
total e simultânea. Para recuperar o que ela dá,
basta ter passado, sentido a vida; basta ter,
como dizia Machado, padecido no tempo.”
(Nava)

> O caráter coletivo da memória das cidades encontra na literatura terreno fértil de expressão. Como signo da modernidade, são as cidades realidades sempre em mutação. As relações de poder, atividades econômicas, formas de sociabilidade, vida cultural e espaços coletivos transformam-se de forma contínua.

As cidades, como espaço de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas que, na interseção com a História, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano das ruas, praças, cafés, escolas, museus, residências, universidades, fábricas, repartições públicas, bares, cinemas. As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, dentre elas as da memória. Com sua temporalidade sempre em movimento, ela reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente.

Pedro Nava e Jorge Luis Borges, em viagem pelas alamedas das lembranças de cidades nas quais viveram, registram em seus textos uma poética viva do passado, transformada ora em ficção, ora em memória, ora em relação tensionada do lembrar com o esquecer. Constroem representações sobre as cidades que fizeram parte de suas vidas, recriando o real, através daquilo que Luciana Andrade denomina de seleção e tradução e arranjo da realidade mediada pela subjetividade. (ANDRADE, 2004).

Suas narrativas contribuem para que leitores, de diferentes inserções sociais e nacionais, viagem em sua companhia por enredos passados, que lhes sendo estranhos, tornam-se familiares. São longos passeios, através das letras e dos locais preservados pela memória, e por ela reconstruídos, ora com toques de imaginação, ora com reverência à tradição, ora com paradoxal ressentimento em relação ao inexorável fluir do tempo.

Para Borges, as ruas de Buenos Aires, metaforicamente, são como entranhas. Suas próprias entranhas, seu mundo interior habitado por edificações, cheiros, passeios, povo: “As ruas de Buenos Aires já são minhas entranhas. / Não as ávidas ruas, / incômodas de turba e de agitação, / mas as ruas entediadas do bairro, / quase invisíveis de tão habituais / [...] São para o solitário uma promessa / porque milhões de almas singulares as povoam / [...]” (2001a, v. 1, p. 15).

Já Nava desenvolve diferentes recursos literários para se referir às ruas das cidades de seu passado. Em primeiro lugar, mitificando-as como muito apraz à memória e à nostalgia:

Ah! jamais [Belo Horizonte] sacudirá o jugo do velho crepúsculo da tarde morrendo varrida de ventos, da lembrança submarina dos ficus e dos moços que subiam e desciam a Rua da Bahia. Não a Rua da Bahia de hoje. A de ontem. A dos anos vinte. A de todos os tempos, a sem fim no espaço, a inconclusa nos amanhã. Nela andarão sempre as sombras de Carlos Drummond de Andrade, de seus sequazes, cúmplices, amigos... (1974b, p. 111).

Em segundo lugar, reencontrando-as como espaço de movimento, de vida, de lazer, de jogar tempo fora, de passear em direção a desconhecido futuro que, transformado em presente, o faz, como escritor, retornar ao passado, como se caminhasse por um mapa afetivo de lugares.

Ruávamos quase o dia inteiro. Nossa vida era um ir e vir constante nas ruas de Belo Horizonte. E o mais estranho é que hoje elas se esvaíram completamente. Mesmo voltando, mesmo palmilhando os lugares essenciais de nossa mocidade é impossível captar as velhas ruas como elas eram, a não ser refazendo-as imaginariamente ou agarrando fragmentos fornecidos pelo sonho (1974b, p. 111).

As ruas são lugares vivos das cidades, são locais de tensões, são movimentos em busca de encontros. São também, como as cidades, simultaneamente, signos de tradições e signos de transformações. Desse paradoxo brota, muitas vezes, a inspiração de escritores que sacralizam o passado em contraposição à inevitável característica da urbe: a modernização, assim traduzida pelas palavras de Saul Yurkievich: “A modelatria é uma devoção cidadã. A vanguarda surge como signo da modernidade, originado pelos centros metropolitanos em seu processo modernizador...” (1995, v. 3, p. 93).

Nesse sentido, a literatura assume, inúmeras vezes, a função de lembrar e reforçar as tradições das cidades. Torna-se voz e eco de um tempo que aos poucos tende a se perder nas teias da modernidade e no culto do novo.

Pedro Nava o faz nos livros: *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira Mar* (1978), *Galo-das-Trevas* (1981) e *Círio Perfeito* (1983), que o consagraram como escritor em plena maturidade. Assim também Borges, em escritos diversos, no vasto conjunto de sua obra, ao longo de 60 anos de produção literária.

Os dois autores consagram às cidades parte substantiva de sua evocação memorativa, recorrendo, inúmeras vezes, à reminiscência sobre o que se perdeu ao longo do tempo (nostalgia e esquecimento). Borges centra o eixo de suas lembranças em Buenos Aires, cidade de sua saudade e de sua vida por ele identificada como paraíso perdido.

Nasci em outra cidade que também se chamava Buenos Aires / [...] Recordo o que vi e o que me contaram meus pais. / [...] Sei que os únicos paraísos não proibidos aos homens são os paraísos perdidos. / Alguém quase idêntico a mim, alguém que não leu esta página, / lamentará as torres de cimento e o talado obelisco. (2000a, v. 3, p. 343).

Buenos Aires, renovada e perdida no tempo: “Do outro lado da porta, certo homem feito de solidão, de amor, de tempo, acaba de chorar em Buenos Aires, todas as coisas” (2000a, v. 3, p. 347). E ainda: “Se penso em Buenos Aires, penso na Buenos Aires que conheci quando era criança: de casas térreas, de pátios, de vestíbulos, de poços com uma tartaruga, de janelas gradeadas, e antigamente essa Buenos Aires era toda Buenos Aires...” (2000b, v. 3, p. 314).

Já Nava caminha por três diferentes cidades – Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro –, incorporando-as à sua narrativa como fases de sua trajetória individual. A princípio, nos anos de sua infância, reveza-se entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro, que são cenários sempre relembrados. Relembrados, conservados na memória e perdidos no tempo. De Juiz de Fora, recorda-se de uma avenida que, sendo a mesma até os dias presentes, muito se transformou ao longo dos anos: “E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a avenida Rio Branco hesitou minha vida!” (1974b, p. 19).

Em seguida, volta-se para anos passados em Belo Horizonte, cidade para a qual sua família se mudou. Belo Horizonte, que para ele simboliza toda Minas Gerais: “Do Belo Horizonte (não esse, mas o outro, que só vive na dimensão do tempo). É o bojo de Minas. De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos” (NAVA, 1974b, p. 19). Belo Horizonte, que alvorecia, ganhava contornos e personalidade. Cidade que traduz principalmente o calor de sua adolescência e juventude. Ficará em sua



Desenho de Pedro Nava para a capa do livro Juiz de Fora – Poema Lyrico, de Austen Amaro. Belo Horizonte: Tipografia Guimarães, 1926.

lembrança, estagnada no tempo, mas repleta das inexoráveis mudanças inerentes à modernidade:

Eu conheci esse pedaço de Belo Horizonte, nele padeci, esperei, amei, tive dores de corno augustas, discuti e neguei. Conhecia todo mundo. Cada pedra das calçadas, cada tijolo das sarjetas, seus bueiros, os postes, as árvores. Distinguia seus odores e as cores de todas as horas. Ali vivi de meus dezessete aos meus vinte quatro anos. Vinte anos nos anos vinte. Vinte. Sete anos que valeram pelos que tinha vivido antes e que viveria depois. Hoje, aqueles sete anos, eles só existem na minha lembrança. Mas existem como sete ferretes e doendo sete vezes sete quarenta e nove vezes sete quarenta e três ferros pungindo em brasa. (NAVA, 1976, p. 354).

Nostalgia do espaço

O memorialista, para se identificar com o leitor, trabalha com duas categorias inerentes ao ato de recordar: espaço e tempo. A busca incessante do tempo passado relaciona-se à dos espaços das vivências coletivas e individuais. Reencontrar temporalidades é também reencontrar lugares e identidades.

Na busca do espaço, reencontramos a ansiosa busca de identidades ameaçadas, já que lugares e objetos materiais aparecem como imutáveis, portanto como fatores de estabilidade capazes de referenciar pessoas, garantindo-lhes identidade. Em contrapartida, a mobilidade do espaço e das coisas nele situadas e a indeterminação dos lugares desorganizam referenciais. (D'ALÉSSIO, 1981, p. 272).

Como narrador, o memorialista reconstrói lugares perdidos pela inexorável transformação paisagística da urbe. E o faz buscando nas réstias do passado imagens paradoxais

intactas nas suas lembranças, mas na realidade transfiguradas, transformadas em novos espaços, que representarão para as novas gerações outras imagens, que se tornarão suportes de novas memórias (memória em movimento). *“É preciso corrigir os homens sem imaginação. Isto aqui, este espaço todo é a Fundação Getúlio Vargas. Não senhor! Aqui era a casa do Barão de Itambi, quando vizinho do Doutor Torres Homem e mais adiante a já derrubada casa onde Bidu Saião aprendeu a cantar.* (NAVA, 1981, p. 7).

Diante da fragmentação da vida os espaços (lugares) são fundamentais para a construção e solidificação de identidades. Segundo Pérsico (1994), a identidade tem fronteiras e espaços delimitados, como os das cidades. São as cidades que alimentam o imaginário sobre elas mesmas e que através de suas edificações, praças, ruas e alamedas definem para as pessoas referências e sentimentos fundamentais de sua vida.

Assim, para Borges, lembrar de um lugar desaparecido do cenário urbano, mais do que reativar a memória, é reviver experiências passadas que o identificam com Buenos Aires. É também desencadear sentimentos nostálgicos gerados pela ausência do que, outrora, integrava, como lugar de vivências, a paisagem da cidade.

Tudo começou antes da ditadura. Eu estava empregado em uma biblioteca do bairro Almagro. Morava na esquina de Lãs Heras com Pueyrrendón, tinha de percorrer, em lentos e solitários bondes, o longo trecho entre este bairro do Norte e Almagro Sur, até uma biblioteca situada na avenida La Plata com Carlos Calvo. O acaso (com a ressalva de que não existe o acaso, de que a isso que chamamos acaso é a nossa ignorância acerca da complexa maquinaria da causalidade) fez-me encontrar três pequenos volumes na Livraria Mitchell, hoje desaparecida, que tantas lembranças me traz. (2000c, v. 3, p. 227)



Fotografia de Francisco Soucaseaux. Belo Horizonte, MG, trecho da Avenida Afonso Pena esquina com Rua da Bahia, em frente à antiga sede do Congresso, onde funcionava, no primeiro pavimento, o Bar do Ponto. Mostra a movimentação do dia 15 de junho de 1904, com a afluência do povo para ver de perto seus representantes chegando para a instalação da Sessão Legislativa. Reprodução. Coleção Luis Augusto de Lima.

Nava também se reporta aos espaços das cidades perdidos no tempo, apagados do cenário urbano pelo furor incontrolável da modernização. Espaços que, de acordo com a concepção de Tuan (1983), eram lugares por serem plenos de significados e vivências. Por se terem tornado familiares e até íntimos. Intimidade com a rua, com o ambiente, com os horários de frequência, com as pessoas que lhes davam vida. Lugares centrais em sua vida, núcleos de lembranças e de relações afetivas. Ao se referir ao Bar do Ponto em Belo Horizonte, Nava o transforma não só no centro de sua vida, como também no centro do mundo, em uma construção que reencontra a paisagem urbana do passado e as vivências coletivas de um segmento da população citadina: os estudantes e os intelectuais.

Escrevi à Tia Alice carta que releio comovido, para avivar minhas lembranças dessa fase. Nela dizia: “Agora estamos a três quarteirões do Bar do Ponto, que é o centro!” Eu me referia ao centro da cidade, mas logo veria que aquilo era o centro de Minas, do Brasil, do Mundo, mundo vasto mundo. (1976, p. 103).

Também sobre as transformações por que passam as cidades e que estimulam o afloramento de doídas lembranças, Nava assim se refere ao Rio de Janeiro:

À medida que as obras do metrô e a insensibilidade dos procônules nossos governantes vão demolindo de preferência o que há de sentimental, histórico e humano no Rio de Janeiro, multiplico meus passeios pelas ruas malferidas – como quem se despede. Assim acompanhei, qual agonia de amigo, a depredação da Lapa. (1981, p. 9).

Demolição e rememoração, palavras plenas de significado dicotômico: lembrar para impedir o esquecimento provocado pela erosão do tempo e pela ação dos homens nas

cidades. Cidades que, como a Buenos Aires de Borges, “[...] correm o risco [...] de ter seu passado apagado, ou, ao menos, encoberto pelas novas construções, que acumulando tempo, predeterminam a paisagem e dissolvem a memória” (PINTO, 1998, p. 115).

Lastro das mudanças

As cidades são memórias acumuladas. São memórias perdidas. São memórias silenciadas. Para Borges, “*Somos nossa memória, / somos esse quimérico museu de formas inconstantes, / essa pilha de espelhos rotos*” (2001b, v. 2, p. 383). Muitas vezes, as cidades se transformam em espelhos distorcidos do passado, pois o tempo não permite a reprodução intacta das imagens perdidas. As memórias são lastros das mudanças, apesar de quererem ser esteios da preservação. Lembramos do que já passou, do que se perdeu na orgia da temporalidade, adquiriu novas formas e até novos significados. Na verdade “[...] a recordação é ultrapassagem das fronteiras do próprio eu / [...] como intrincada rede, como malha cerrada a memória oculta prenúncios / [...] é dignidade da desobediência ao presente imposto /” (NEVES, 1999, p. 67-70).

As cidades nas quais vivemos são essência do presente imposto. As cidades das quais nos lembramos são alimento das reminiscências, essência de um passado perdido. Buscamos, muitas vezes, “*destecer o tempo*” (BORGES, 2000a, v. 3, p. 341) ao transformar as cidades de nossa imaginação em relíquias. Buscamos ressignificar a vida presente, reencontrar lugares e pessoas, como o faz Borges no poema “Yesterdays”:

Da estirpe de pastores protestantes / e de soldados sul-americanos / que opuseram ao godo e às lanças / do deserto seu pó incalculável / sou e não sou Minha verdadeira estirpe / é a voz que ainda ouço de meu pai, / comemorando música de

Swinburne, / e os grandes volumes que folheei, / folheei e não li, e que me bastam. / Sou o que me contaram os filósofos. / O acaso ou o destino, esses dois nomes / de algo secreto que ignoramos, prodigaram-me pátrias: Buenos Aires, / Nara onde passei uma única noite, / Genebra, as duas Córdoba, a Islândia..." (2000a, v. 3, p. 350).

Transformar as cidades em pátrias, em centros das experiências de vida, é buscar raízes nos espaços urbanos. Nesse sentido, a mudança é tomada como perda. Inevitável perda, pois inerente ao processo de transformação de muitas cidades em metrópoles. Cidades que se agigantam, se fragmentam e que, nesse processo, transformam suas áreas centrais, outrora referenciais mais importantes da urbe, em espaços inúmeras vezes degradados. Cidades que crescem pelas franjas, aumentando sua periferia, refletindo distorções sociais, poluindo suas paisagens com edificações de estilos ecléticos e com construções precárias, como analisa Mumford (1991).

Diante de um presente marcado pelo fracionamento do tempo e pela segregação espacial (que muitas vezes já existia no passado real, mas não no idealizado), os escritores fazem de suas memórias exorcismo do presente e valorização do que passou. Enxergam nas cidades dos bons tempos (o passado) singularidades, signos e representações cujos significados são individuais, mas se tornam, pela socialização de seus escritos e pelos sentimentos de identificação por eles estabelecidos, significados coletivos.

As memórias, lastros das mudanças, são, paradoxalmente, desejo de retenção do passado. "Por isso o memorialista transpõe para o espaço a batalha contra as forças corrosivas do tempo. Se a restauração do espaço vivido não é possível no plano físico, ele procura empreendê-la na escrita, na escrita restauradora do passado" (BUENO, 1997, p. 46).



Pedro Nava autografando seu livro de memórias *Baú de Ossos*. Sem referências, *circa* 1972. Coleção Luis Augusto de Lima.

Em Nava, a relação escrita/restauração do passado fica evidente no seguinte texto, no qual ele se refere a si mesmo, como Egon, que na verdade é seu *alter ego*:

Manhã quando decidia ir à Santa Casa por Ceará, só esse propósito já era bastante para criação de resultantes físicas da angústia antecipada do que ele (Egon) ia passar. É que tinha de despir seu presente, anular sua experiência e reassumir estado de espírito infantil – porque os dois quarteirões desta rua (de Padre Rolim à Praça Quinze) tinham sido descobertos nos seus onze, doze anos – numa manhã de escapulia cidade afora. Isto lhe era devolvido pela recriação do tempo passado. (1976, p. 111)

Em Borges a encontramos quase como lamento: "[...] É pó também essa palavra escrita / por tua mão, ou o

verbo pronunciado / Por tua boca. Não há lástima no Fado / E a noite de Deus é infinita. / Tua matéria é o tempo, o incessante / Tempo. Tu és todo solitário instante." (2000a, v. 3, p. 356).

A seguinte constatação de Luciana Andrade, ao se referir a escritores modernistas da Belo Horizonte da década de 1920, é paradigmática no se refere à representação idealizada do passado perdido:

Os modernistas de Belo Horizonte não eram entusiastas da modernidade, às vezes com certa desconfiança, às vezes orientados por certos valores retrógrados e tradicionalistas, às vezes expressando os dilemas próprios da vida moderna [...] A nostalgia de um mundo que se perdeu para sempre [...] volta a se manifestar nas memórias da Belo Horizonte do começo do século XX, contribuindo para a criação do mito de uma cidade amorável e humana, como eles mesmos a reinterpretam. (ANDRADE, 2004, p. 189)

Nesse sentido, os livros de memória de Pedro Nava e também os inúmeros textos do conjunto da obra literária de Borges atualizam os lastros de suas identidades, fazendo do diálogo do presente com o passado, através da interseção da literatura com a memória, recurso de retenção do tempo.

Referências

- ANDRADE, Luciana Teixeira. *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; Editora C/Arte, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. *A Cifra*. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2000a. v. 3. 576 p.
- BORGES, Jorge Luis. *A Cegueira*. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2000b. v. 3. 576 p.
- BORGES, Jorge Luis. *Sete noites*. A divina comédia. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2000c. v. 3. 576 p.

BORGES, Jorge Luis. *Fervor de Buenos Aires*. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2001a. v. 1. 707 p.

BORGES, Jorge Luis. *Elogio da sombra*. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2001b. v. 2. 556 p.

BUENO, Antônio Sérgio. *Vísceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. 165 p.

D'ALESSIO, Marcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. *Projeto História*, São Paulo, EDUC, n. 17, p. 269-280, 1981.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 741 p.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974a. 396 p.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974b. 334 p.

NAVA, Pedro. *Chão de ferro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. 356 p.

NAVA, Pedro. *Beira mar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 408 p.

NAVA, Pedro. *Galo-das-trevas: as doze velas imperfeitas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. 489 p.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Jardim do tempo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999. 92 p.

PÉRSICO, Adriana Rodríguez. Identidades nacionais argentinas. In: ANTELO, Raúl (Org.). *Identidade e representação*. Florianópolis: UFSC, 1994. 464 p.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade; FAPESP, 1998. 333 p.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Rio de Janeiro: Difel, 1983. 250 p.

YURKIEVICH, Saul. Los signos vanguardistas: el registro de la modernidad. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Editora Unicamp; Memorial da América Latina, 1995. v. 3: Vanguarda e Modernidade. 750 p.

Lucilia de Almeida Neves Delgado foi professora da UFMG entre 1978 e 1996. Atualmente é Professora Titular do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas. É autora, entre outros livros, de *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)* e organizadora da coleção *O Brasil Republicano* (4 volumes), em conjunto com Jorge Ferreira.